

GRUPO DE REFLEXÃO DA COMISSÃO EPISCOPAL
DE PASTORAL PARA O LAICATO DA CNBB

SUJEITOS ECLESIAIS

sal da terra e luz do mundo

Reflexões sobre o Documento 105



Prefácio

A Comissão Episcopal de Pastoral para o Laicato, entre os anos 2013 a 2016, refletiu sobre a realidade dos cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade. Os bispos assumiram a tarefa de apresentar um documento para a Igreja no Brasil falando sobre os cristãos na Igreja e na sociedade como sal da terra e luz do mundo.

As inúmeras investidas do Papa Francisco, em prol de uma Igreja missionária e que valoriza os batizados, trouxe reflexões exaltando a importância dos leigos e leigas na Igreja e na sociedade.

Na 54ª Assembleia Geral (2016), os bispos aprovaram o documento a ser conhecido e assumido por todos os batizados para serem sal da terra e luz do mundo. “Incentivamos os irmãos leigos e leigas a acreditarem na própria vocação como sujeitos de uma missão específica. A sociedade humana em construção e a Igreja em missão contam com cristãos convictos da própria responsabilidade, dispostos a acolher desafios, alegres em abrir caminhos novos na construção do Reino do Senhor Jesus, reino da verdade e da vida, reino de justiça, do amor e de paz” (doc. 105, n. 277, CNBB).

É rica e bela a Igreja de Jesus Cristo que acolhe, cuida e protege seus filhos que, pela graça do Batismo, são sujeitos ativos nesse corpo místico, onde Jesus Cristo é a cabeça. O sentimento filial nos reúne ao redor do Mestre Jesus que nos envia a sermos sal da terra e luz do mundo.

O Ano do Laicato quer ser grande força para que todos na Igreja sejam célula viva do corpo místico, onde Cristo é a cabeça. É preciso que todas as pessoas de boa vontade estejam envolvidas,

participando da mobilização em torno da fé que nos convoca e encoraja a sermos discípulos missionários de Jesus Cristo na Igreja e na sociedade. Oportunidade privilegiada para que os cristãos leigos e leigas assumam a dianteira, e programem, busquem ações convincentes para que, em comunhão com os organismos do povo de Deus, deem início a um novo tempo.

Nos indicativos e encaminhamentos de ações pastorais, o Documento 105 assume: “Efetivar o processo de participação, dos vários sujeitos eclesiais, contribuindo para a consciência e o testemunho de comunhão como Igreja, tornando regulares as Assembleias Nacionais dos Organismos do Povo de Deus (ANOPD), que vêm acontecendo desde 1991 e que reúnem os dirigentes da CNBB, da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), da Comissão Nacional dos Presbíteros (CNP), da Comissão Nacional dos Diáconos (CND), da Conferência Nacional dos Institutos Seculares (CNIS) e do CNLB. Falando sobre ‘a necessidade e a beleza de caminhar juntos’, o Papa Francisco afirma: ‘O caminhar da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio’” (n. 274, c).

Do testemunho da unidade na diversidade de serviços, dons e expressões de vida, nasceu o desejo de convocar toda a Igreja para o Ano do Laicato em 2018. Motivados pelos 30 anos do Sínodo Ordinarário sobre os Leigos (1987) e a Exortação Apostólica *Christifideles laici*, de São João Paulo II, sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo (1988), este ano terá como eixo central a presença e a atuação dos cristãos leigos e leigas como “ramos, sal, luz e fermento” na Igreja e na sociedade (cf. 274, i).

Como legado, propomos um ano de intensa mobilização de toda a sociedade, pois, na sua maioria absoluta, são os leigos e as leigas, seguidores de Jesus Cristo.

“O Ano do Laicato deve despertar discípulos missionários para evangelizar os ambientes onde as pessoas vivem, trabalham,

estudam, convivem e se desenvolvem. Na Encíclica *Redemptoris missio*, São João Paulo II identifica alguns desafios prioritários à missão evangelizadora da Igreja no mundo contemporâneo. Ele os chama de ‘modernos areópagos’. Lembra que o Apóstolo Paulo, depois de ter pregado em numerosos lugares, chega a Atenas e vai ao areópago, onde anuncia o Evangelho, usando uma linguagem adaptada e compreensível para aquele ambiente (At 17,22-31). O areópago, que representava o centro da cultura do povo ateniense, é tomado como símbolo dos novos ambientes onde o Evangelho deve ser proclamado” (250).

Os capítulos deste livro são contribuições de pessoas entusiastas que escreveram sobre os diversos ambientes, animando os cristãos a serem missionários e testemunhas de vida cristã onde atuam no seu cotidiano.

Na centralidade da fé, temos o Cristo servo e servidor que se dá como alimento, envia em missão, nos torna Igreja missionária, apaga o pecado no mundo e faz nascer um novo céu e uma nova terra. “Com razão, o Papa Emérito Bento XVI ofereceu-nos luzes e encorajamento para o profetismo dos leigos na missão junto a esses areópagos. O sacramento da Eucaristia tem um caráter social. A união com Cristo é ao mesmo tempo união com todos os outros a quem ele se entrega. Eu não posso ter Cristo só para mim. É necessário explicitar a relação entre o mistério eucarístico e o compromisso social abrindo-nos ao diálogo e ao compromisso em prol da justiça, à vontade de transformar também as estruturas injustas. A Igreja não deve ficar à margem da luta pela justiça. Também a CNBB ensinou que a Eucaristia tem uma exigência fundamental de transformação do homem. (...) Tanto o seu coração egoísta e pecaminoso quanto as estruturas opressoras e exploradoras devem ser transformados pela Eucaristia, a fim de que apareça o testemunho a que a liturgia deve levar a Igreja e cada cristão” (252).

A esperança deve trazer novo vigor e alegria para os cristãos. Descobrir que ser cristão é seguir Jesus Cristo de fato e de verdade. Deixar-se apaixonar por ele, ser discípulo dele. Tomar uma decisão forte e decidida para proclamar que Jesus Cristo é Rei e Senhor do mundo. É esse Rei que seguimos, nos movemos e queremos emprender toda a nossa vida na certeza de que um dia, definitivamente, estaremos com ele no céu. Contamos com a criatividade dos cristãos em geral para construir um ano diferenciado, fazendo com que o Documento 105 da CNBB seja de fato conhecido e amado, trazendo um novo alento para toda a sociedade. Acolhendo a luz de Cristo no seio da Igreja, partamos todos, de modo todo particular os cristãos leigos e leigas, para a festa do Ano do Laicato.

Seguem diversas reflexões de irmãos e irmãs que vivem a bela experiência do discipulado nas mais diversas áreas, tanto na Igreja quanto na sociedade. Deixemo-nos encantar pela vocação cristã, para enriquecer, amadurecer e fermentar toda a sociedade com a semente do Reino de Deus.

Dom Frei Severino Clasen, ofm

Bispo diocesano de Caçador

Presidente da Comissão Episcopal de Pastoral para o Laicato

Apresentação

A publicação Documento 105 da CNBB, “Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade; sal da terra e luz do mundo”, significou um ponto de chegada e um ponto de partida na história da Igreja do Brasil, no exercício do Magistério local e na atuação do laicato na esfera nacional. As reflexões e orientações ali contidas recolhem as teologias do laicato oferecidas pelo Vaticano II, pela Exortação *Christifideles laici*, pelo Documento 62 e, de imediato, pela Exortação *Evangelii gaudium* do Papa Francisco. O documento acolhe também as experiências da caminhada dos leigos no Brasil: seus anseios e esperanças. A noção de *sujeito eclesial* foi o eixo que conduziu a reflexão nos três momentos do ver, do julgar e do agir. O ser sujeito na Igreja constitui a base comum e fundamental de todos os que integram o mesmo corpo eclesial na unidade e na diversidade e o mesmo povo de Deus a caminho. Todos são sujeitos. Cada qual desempenha seu ministério, conforme o dom que recebeu e a função que exerce. O clericalismo que corrói e deturpa essa comunhão persiste na Igreja, separando como que em classes superiores e inferiores os diferentes serviços, transformando esses serviços em poderes e reduzindo o leigo à condição de assistente, dependente ou suplente dos cristãos ordenados. Por essa razão, o Papa Francisco tem chamado o clericalismo de “doença da Igreja”. Essa doença contagiosa que contamina todos os cristãos, bispos, presbíteros, diáconos, religiosos e ministros leigos, impede o exercício da autêntica subjetividade eclesial, reduz os membros a indivíduos isolados ou a massa passiva, sem rosto e sem vigor.

A urgência da vivência e da educação dos sujeitos eclesiais desafia a todos na Igreja. Exige “conversão eclesial”, saída dos isolamentos

e das superioridades e encontro com o Cristo vivo no próximo, saída das comodidades comunitárias para as periferias sociais e existenciais, saída da norma instituída para o discernimento dos mais frágeis dentro da comunidade de fé. Acolher o dom de *ser sujeito* é empenhar-se por construí-lo concretamente como postura eclesial e social, onde cada qual exercita e cresce na consciência, na autonomia e na ação como membro da Igreja e como cidadão.

O desafio de ser sujeito depara-se com forças contrárias que vêm de dentro da Igreja e da sociedade. O individualismo é a grande tentação que convida cada pessoa a buscar em si mesma as satisfações de seu eu por meio do consumismo de produtos materiais e espirituais. Aí reside a raiz da cultura da indiferença, da cultura do descartável e do relativismo de todos os tipos. O Documento 105 oferece um roteiro rico de reflexão sobre o sujeito eclesial, dom e desafio para todos na Igreja no mundo de hoje.

O Ano do Laicato (2018) não pode ser somente mais uma celebração, ainda que a condição cristã deva ser comemorada a todo momento. Deverá ser um momento de conversão da Igreja; de saída de si mesma na busca de suas fontes (do coração do Evangelho) e na direção do outro (de modo especial dos pobres e dos sofredores). Deverá ser o ano da conversão para o laicato, condição comum de todos os batizados; conversão para o serviço de todos a todo o povo de Deus e de serviço do povo de Deus a todos os povos que habitam o planeta com suas diferenças, anseios e esperanças.

As reflexões que seguem acolhem e aprofundam diversos aspectos da vida dos cristãos leigos expostos no Documento 105. A recepção desse documento está acontecendo em todo o Brasil nas mais variadas formas e em diversas esferas eclesiais, por meio de cursos, estudos, traduções populares etc. As sementes foram lançadas. Os frutos vão surgindo a seu tempo e nem sempre os enxergamos com nitidez. Mas, na esperança, aguardamos uma colheita abundante na vida do povo de Deus.

A equipe de reflexão da Comissão Episcopal de Pastoral para o Laicato da CNBB fez também a sua recepção que ora é apresentada aos cristãos leigos neste pequeno livro, por meio de pequenos ensaios. Cada reflexão é marcada pelas visões dos autores, sujeitos eclesiais que vivem suas vocações como ministros ordenados e leigos em diversos contextos. Os autores acreditam que as comunidades eclesiais podem crescer na consciência de si mesmas, tornando-se escolas de vida que germinam e fazem crescer sujeitos eclesiais, sal da terra e luz do mundo.

Grupo de reflexão da Comissão Episcopal de Pastoral para o Laicato

I

O Ano do Laicato e os cristãos leigos e leigas do Brasil

Laudelino Augusto dos Santos Azevedo

Como assessor da Comissão Episcopal Pastoral para o Laicato, da CNBB, tenho visitado regionais, arquidioceses, dioceses e prelazias de todo o país, assessorando cursos de formação, assembleias e retiros, a partir do Documento 105 da CNBB: “Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade; sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13-14)”. Os participantes são, na maioria, cristãos leigos e leigas organizados ou em articulação com o Conselho Nacional do Laicato do Brasil (CNLB), pastorais, movimentos, serviços eclesiais, associações laicais nascidas de carismas de ordens ou congregações religiosas, novas comunidades, como também religiosos e religiosas, diáconos e presbíteros.

Essa experiência, muito rica e fecunda, tem demonstrado o potencial enorme que a Igreja tem no Brasil e a urgência de um investimento na formação dos sujeitos eclesiais, especialmente dos cristãos leigos e leigas. Comprova-se, na prática, o que nossos pastores afirmam: “Apesar dos avanços na caminhada da Igreja nas últimas décadas, temos ainda, no campo da identidade, da vocação, da espiritualidade e da missão dos leigos na Igreja e no mundo, um longo caminho a percorrer” (105, 9).

Em tempos de Francisco

O texto inicial, apresentado na Assembleia Geral Ordinária da CNBB em 2014, trazia o conhecimento acumulado e a rica

experiência vivida pela Igreja no Brasil desde o início do século XX, especialmente no pós-Concílio Ecumênico Vaticano II, mas com poucas citações do Papa Francisco, ainda no primeiro ano de pontificado. O Texto de Estudos 107 incorporou citações de Francisco na Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro, homilias na Capela de Santa Marta, alocações e entrevistas. Já em 2015, o Texto de Estudos 107-A ficou enriquecido com citações da Exortação apostólica *Evangelii gaudium* e, em 2016, o documento final aprovado incluiu citações da Carta encíclica *Laudato si'*, sobre o cuidado da casa comum, da Exortação apostólica *Amoris laetitia*, sobre a alegria do amor na família, dos discursos do papa nos encontros com os movimentos sociais e outros. Esses dados são importantes para entendermos a abrangência do texto do Documento 105 e a sua correta aplicação, pois, afinal, estamos em tempos de Francisco. É como nossos cristãos bispos afirmam no item citado: “Nisso, estamos motivados pela proposta da ‘Igreja em saída’, em chave missionária, como vive, ensina e propõe o Papa Francisco” (105, 9).

O Ano do Laicato

No último item do Documento 105, antes da conclusão, com o título “Compromissos”, nossos pastores assumem: “Antes de concluir este documento, queremos incentivar nossas comunidades a assumirem os seguintes compromissos, que fazemos para melhor apoiar e incentivar a vida e a ação dos cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade”. Entre os compromissos, está:

Realizar o Ano do Laicato, comemorando os 30 anos do Sínodo Ordinário sobre os leigos (1987) e da Exortação apostólica *Christifideles laici*, de São João Paulo II, sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo (1988). Terá como eixo central a presença e a atuação dos cristãos leigos e leigas como “ramos, sal, luz e fermento” na Igreja e na sociedade (CNBB 105, 275 “i”).

Para implementar esse compromisso, foi aprovado que o “Ano do Laicato” teria início na Solenidade de Cristo Rei, em 2017, com o término na Solenidade de Cristo Rei em 2018. Vale lembrar que, por antiga tradição da Ação Católica, no dia de Cristo Rei se celebra também o Dia Nacional dos Cristãos Leigos e Leigas. Trata-se, certamente, de uma oportunidade muito importante para que todos os sujeitos eclesiais e, portanto, a Igreja como um todo, cresçam na sinodalidade, na comunhão e na missão comum a todo o povo de Deus.

É necessário assinalar que nós, cristãos leigos e leigas e, com certeza, também os demais sujeitos eclesiais (leigos e leigas consagrados, religiosos e religiosas, diáconos, presbíteros e bispos), só entendemos, acolhemos e exercemos a nossa identidade, vocação, espiritualidade e missão, na relação com os demais, como membros vivos do mesmo corpo (1Cor 12,13). Não foi por acaso que os nossos bispos aprovaram no item 274, “Indicativos e encaminhamentos de ações pastorais”, letra “c”:

Efetivar o processo de participação, dos vários sujeitos eclesiais, contribuindo para a consciência e o testemunho de comunhão como Igreja, tornando regulares as Assembleias Nacionais dos Organismos do Povo de Deus (ANOPD), que vêm sendo realizadas desde 1991 e que reúnem os dirigentes da CNBB, da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), da Comissão Nacional dos Presbíteros (CNP), da Comissão Nacional dos Diáconos (CND), da Conferência Nacional dos Institutos Seculares (CNIS) e do CNLB. Falando sobre a “necessidade e a beleza de caminhar juntos”, o Papa Francisco afirma: “O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”.

O Papa Francisco sempre insiste que “Sínodo é o nome da Igreja”! São João Crisóstomo ensinou que “Igreja e sínodo são sinônimos”!

Nesses termos, podemos dizer que um dos primeiros frutos esperados deste “Ano do Laicato”, proposto e realizado por todo o corpo

eclesial, é exatamente a tomada de consciência, na prática cotidiana, de que todos juntos somos “Igreja, Corpo de Cristo na história”. Nossos pastores ensinam que: “Assim sendo, os indivíduos na Igreja, mantendo sua subjetividade, possuem uma identidade comunitária, possibilitada e mantida pelo Espírito de Cristo” (105, 103). Ensinam, ainda, que: “A unidade da Igreja se realiza na diversidade de rostos, carismas, funções e ministérios. É importante dar-nos conta desse grande dom da diversidade, que potencializa a missão da Igreja realizada por todos os seus membros, em liberdade, responsabilidade e criatividade” (105, 93). Um pouco à frente, afirmam que:

A noção de povo de Deus também chama a atenção para a totalidade dos batizados: todos fazem parte do povo sacerdotal, profético e real. O Vaticano II supera a noção da Igreja como uma estrutura piramidal, começando por apresentar o que nos une – nos capítulos sobre a Igreja mistério e povo de Deus – e só depois o que nos distingue (105, 100).

É necessário lembrar que o que nos distingue não nos separa, pois “há um só corpo” (1Cor 12,12). O que nos distingue está na linha do serviço, no modo de estar presente e atuante no corpo eclesial e presente e atuante a serviço do Reino de Deus no mundo. Essa compreensão e vivência são fundamentais para sermos Igreja e eliminará, inclusive, a grande tentação do clericalismo.

Ao mesmo tempo, com o estudo e aprofundamento prático do Documento 105, teremos, como fruto do “Ano do Laicato”, a compreensão e atuação dos cristãos leigos e leigas como “verdadeiros sujeitos eclesiais”:

O presente documento tem como perspectiva a afirmação dos cristãos leigos e leigas como verdadeiros sujeitos eclesiais. ... Pretende-se animar a todos os cristãos leigos e leigas a compreenderem a sua própria vocação e missão e a atuarem como verdadeiros sujeitos eclesiais nas